

JORGE MARCELO RAMOS

FAMÍLIA DO MESTRE NÊGO E BIZU

Um dilúvio cultural na
Missão Velha de Japaratuba

Japaratura-SE



2025

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Sendo que a reprodução, comercialização e arrecadação com a venda será exclusivamente para os grupos Reisado Baile Estrela de Japarutuba (Reisado de Bizu) Cacumbi do mestre Nêgo. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Roseilde Reis

Revisão

ArtNer

Fotos

Acervo do autor e da família do Mestre Nêgo e Bizu

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ramos, Jorge Marcelo.

R175f Família do Mestre Nêgo e Bizu, um delírio cultural na Missão Velha de Japarutuba. /Jorge Marcelo Ramos.

- Aracaju: ArtNer, 2025.

72p.:il. 15cm x 21cm

ISBN: 978-65-83131-34-8

1. Folclore Sergipano – Registros Históricos

2. Folclore-Japarutuba

3. Mestre Nêgo e Bizu

4. Reisado-Cacumbi

I - Título

CDU: 398(813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br



SOBRE O AUTOR



JORGE MARCELO RAMOS

Filho de Carlos Ramos e Ivanda Lima dos Santos Ramos, nasceu no dia 14 de setembro de 1975, na cidade de Japaratuba, estado de Sergipe. Casado com Sueny Rejane Oliveira Santos e pai de dois filhos, João Caetano Oliveira Ramos e Maria Luiza Oliveira Ramos.

Desde criança sempre gostei das ruas da cidade. Gostava de jogar bola nos campinhos de areia, bola de gude, fazer carrinhos de lata, pegar lagartixa com laço feito com talo de coqueiro, pegar frutas nos sítios de “titio carreira”, brincar de “garra”, ir ao banho do Prata a pé pela manhã e ficar procurando uma caixa d’água que existe no alto do morro.

Aos 7 anos, em 1982, ingressei como aluno no Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, popularmente conhecido como Grupo de Dona. Esse contato com a maior representatividade da cultura, religião e educação de Japaratuba fez com que aquela criança arteira iniciasse o seu contato com a grande diversidade artística e cultural dentro de um ambiente acolhedor que era a escola da Praça Nações Unidas.

Maria de Souza Campos servia de inspiração para aquela criança que começava a se apaixonar pelos diversos campos artísticos que eram desenvolvidos dentro do ambiente escolar.

Eram apresentações teatrais, jograis, quadrilhas juninas, leituras com postura corporal, declamação de poesias, sem falar no maracatu da escola, em que participava como arqueiro.

Jorge Ramos foi crescendo nesse ambiente de amor pela cultura e preservação das nossas raízes. Do tempo em que as pessoas falavam ansiosas durante todo o ano da espera pelo Baile da Festa de Santos Reis da cidade, pelos nomes de quem seria o casal de reis do cacumbi, para a coroação na grande festa da cidade.

Em 1990, fui participar de um grupo para militar chamado de “Enfrenteiros” que chegou em nossa cidade através do comandante Jalmir, assim a gente o chamava. Estava com 15 anos nessa época, e fui convidado, pelo meu destaque no grupo, para coordenar esse grupo, que tinha cerca de 40 jovens da nossa cidade. Foi a minha primeira experiência à frente de um grupo, e com uma responsabilidade muito grande, porque viajávamos para fazer acampamentos, principalmente na mata do Feijão, mesmo local de treinamento do Exército Brasileiro em Sergipe, localizada na cidade de São Cristóvão. Nesse mesmo ano, fiz a minha primeira composição musical, era um xote, que denominei de “Morena Bela”.

Em 1993, fui convidado para coordenar uma equipe de uma Gincana escolar na cidade de Pirambu. Foi um momento muito marcante para o meu firmamento como ativista cultural. Nesse momento eu pude mostrar um pouco do que aprendi com minha grande mestra, Maria de Souza Campo. Nesse mesmo ano participei da diretoria do Grêmio Livre Estudantil da Escola Municipal Professor Emiliano Nunes de Moura.

Em 1994 estava ainda concluindo o antigo magistério (pedagógico), na Escola Emiliano Nunes de Moura, quando por influência política de meu pai, fui colocado para iniciar minha vida

trabalhista remunerada como professor de Educação Física (Título Precário) na escola que me inspirou, o antigo Marechal Ademar de Queiroz, atualmente leva o nome da grande mestra Maria de Souza Campos.

Em 1995, por exigência de regularização dos funcionários contratados e se adequar a nova legislação da Constituição de 1988, ocorreu o concurso público da prefeitura. Fui aprovado e efetivado para o quadro do magistério da cidade. Agora como professor efetivo, começava a desenvolver inúmeras atividades artísticas conjuntas com Maria de Souza Campo, Maria Carmélia Lima Melo, vice-diretora da escola, a Secretária Maria José, Zezé e todos que compunham o quadro da escola.

Em 1996, Dona me incentivou a ser marcador da quadriha infantil Chuva de Prata. Nesse mesmo ano fui participar pela primeira vez de um festival de poesia na cidade Propriá, ficando na segunda colocação, com a poesia “Este sujeito é um pobre”. Voltando desse festival de poesia, surgiu a ideia de fundar o Grupo Teatral Canudos em movimento.

Em 1997 participei da construção do Festival de Poesia Falada de Japaratuba. Nesse período estava muito envolvido com os trabalhos de composição musical, participando de alguns festivais na cidade Lagarto, Aracaju e Japaratuba.

Algumas músicas fizeram história, como a antológica “Flor da catingueira”, gravada no CD do festival do SESC CANÇÃO. Compus outras músicas, menos conhecidas, como: “Lampião usa gravata”, “A voz do silêncio”, “Quando encontrei a estrada”, “São Pedro é Deus”, “São três sóis”, “A luz do cão deieiro”, “Hoje é dia de Festa Iaíá”, “Banzuê”, “O Baile Estrela está chegando”, “Olha quem chegou” etc.

Em 1998 ingressei no curso de Letras-português da Universidade Federal de Sergipe, concluindo minha formação em 2002.

No ano 2000 desenvolvi um projeto que ficou na história da cidade, a inesquecível “Banda de sucata”, formada por cerca de

50 alunos da escola da escola de Dona. Esse projeto ganhou o prêmio de Melhor Projeto de Arte na escola.

Em 2002 participei da fundação da primeira banda de pífano da sede do município, denominada de “Zabumbas da Missão”.

Em 2004 ingressei através de concurso público para professor na rede estadual de ensino do Estado de Sergipe.

Em 2007 conclui a pós-graduação na Faculdade São Luiz de França, no curso de Arte-Educação.

Em 2009 fui idealizador da Escola do Legislativo, quando na época era diretor do Departamento de Imprensa da Câmara Municipal de Japaratuba.

No ano de 2019 ingressei na cadeira nº 06, que leva o nome de Adilson César, o grande professor Pitomba, da Academia Japaratubense de Letras, Artes e Ciências.

Em 2020 fundei, juntamente com alguns amigos, o CAVAJ – Clube Amantes de Veículos Antigos de Japaratuba.

Atualmente desenvolvo trabalhos de pesquisa em diversas áreas do contexto sócio histórico e cultural do município de Japaratuba, zelando pela preservação da memória do nosso povo através de entrevistas, recolhimento de fotos, acervos pessoais das famílias.



APRESENTAÇÃO

Fazer cultura popular é dormir sorrindo e acordar chorando, pois as dificuldades são grandiosas, isso em qualquer parte ou lugar desse país. O que move esses mestres é a emoção, é a essência cultural que vem do berço. É conviver naquele entrelaçado de fitas. É morar com um boi denominado “Mineiro”. É acordar ao lado de uma cabeça de cavalo, que eles a chama de “Mikaela”. É dormir pensando em acordar para consertar o pandeiro quebrado.

O registro histórico que estou compartilhando com todos vocês sobre a família do Mestre Nêgo e Bizu, *in memoriam*, é fruto da coleta de dados e informações que foram passadas através das suas filhas, a mestra Luciene e sua irmã Bico, como assim são conhecidas.

Desenvolver uma pesquisa com uma família centenária é um trabalho muito complexo, em virtude da grande quantidade de informações que possivelmente não constará no material apresentado.

Minha amizade com a mestra Luciene iniciou através da Escola Municipal Professor Emiliano Nunes de Moura, quando na época a mestra reiniciou seus estudos na Educação de Jovens e Adultos, e nossa relação de amizade se estreitou a partir das minhas aulas de Artes.

Foi um ano em que as aulas de artes se resumiram num gostoso bate papo entre uma mestra da cultura popular japatubense e um professor apaixonado pela cultura do município onde

nasceu e viveu, e sempre participando, desde cedo, das manifestações culturais e folclóricas da cidade.

A mestra começou a me relatar dentro daquele convívio escolar, das dificuldades atuais em manter viva a história da sua família, que já durava mais de cem anos no cenário cultural de Japarutuba.

Com a morte de sua mãe, a eterna dona do Baile do Reisado Baile Estrela. A mestra Luciene, que desde nova já vinha sendo preparada para assumir o grupo, cumpriu o que havia prometido à sua mãe, que não iria deixar o reisado e o seu legado morrer.

Depois, veio o falecimento do seu pai, o mestre Nêgo, que estava a frente do Cacumbi, que já levava o seu nome. A mestra Luciene, novamente, prometera ao seu pai que não deixaria, assim como fez com o Reisado, o grupo Cacumbi também acabar.

Imagine agora tomar conta, como assim eles falam, de dois grupos folclóricos, um feminino, o Reisado, e outro masculino, o Cacumbi. Cerca de 70 componentes. Isso, para uma mulher. Sem contar que o grupo Cacumbi sempre foi coordenado, historicamente, por homens.

Dentro desse contexto escolar e nessa saudável relação entre professor/aluno, nasceu uma grande e respeitosa amizade.

Comecei a ajudar a mestra na organização dos Editais que apareciam, como também dando sugestões sobre como melhorar a estrutura e relações entre os brincantes.

Também comecei a compor algumas músicas tanto para o Cacumbi, quanto para o Reisado.

Certo dia, eu estava num bate-papo na casa da mestra quando ela começou a me mostrar uma grande quantidade de material fotográfico e de escritos que ela mesma fazia. Daí surgiu a ideia de fazermos um livro contando a história da família dela.

A mestra Luciene foi bem clara que outras pessoas já tinham pedido pra fazer o livro e ela não tinha aceitado, mas confiava em mim para desenvolver e mostrar a história da sua família.

Quando Bizu tomou a frente do Reisado, ainda nos anos 30, a maioria dos brincantes eram familiares, entre irmãs, sobrinhas, filhas. A base do grupo sempre foi familiar.

Em Japaratuba, na sede, nunca houve um grupo familiar que ficou tanto tempo na frente das manifestações folclóricas quanto a família do Mestre Nêgo e Bizu. Seja no Reisado, no Cacumbi ou mesmo na Sarandagem.

Desde cedo os membros da família da mestra Bizu são inseridos nos grupos; daí vieram vários netos, bisnetos, gerações que por um longo tempo, até os nossos dias tornou os seus grupos exclusivamente familiar.

A partir desse conceito de abundância e grande número de membros de uma só família participando das manifestações culturais de Japaratuba, nasceu a ideia de colocar o nome do nosso material de “Família do Mestre Nêgo e Bizu, um dilúvio cultural na Missão Velha de Japaratuba”.

Um material que relata um pouco da trajetória dessa família que viveu para festejar o nosso folclore e levar o nome de Japararuba além fronteiras.

Só tenho a agradecer a família do Reisado Baile Estrela de Japararuba, em nome das filhas do mestre Nêgo e Bizu, Luciene, Bico e Chitinha, os integrantes do grupo folclórico Cacumbi, em nome do grande mestre Antônio de Cirico, pela confiança que me deram em poder contribuir, através da história desses grupos, com todos os amantes da nossa cultura.





SUMÁRIO

MÚSICAS DO PROFESSOR JORGE RAMOS PARA O REISADO BAILE ESTRELA E CACUMBI DO MESTRE NÊGO.....	13
ORIGEM DO REISADO	15
O REISADO BAILE ESTRELA DE JAPARATUBA	19
MÚSICAS DO REISADO BAILE ESTRELA	37
ORIGEM DO CACUMBI.....	56
O CACUMBI EM JAPARATUBA	59
MÚSICAS DO CACUMBI DO MESTRE NÊGO	66